

CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA CULTURAL PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Jocimar Daolio (UNICAMP)

Aline Lima Torres (UECE)

Anna Paula Vieira Barboza (UECE)

Jéssica Bruna Faustino Moura (UECE)

Fabício Leomar Lima Bezerra (PMF)

Qualquer abordagem de Educação Física que negue a dinâmica cultural inerente à condição humana, correrá o risco de se distanciar de seu objetivo último: o ser humano como agente de cultura. Correrá o risco de se desumanizar.
(Daolio, 2010, p.17)

1. Apresentando a conversa

A referida palestra¹, cuja temática se faz presente no título deste capítulo, foi proferida pelo professor Dr. Jocimar Daolio, no dia nove de setembro de 2020, compondo a quarta palestra do I Seminário Virtual de Educação Física Escolar realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar da Universidade Estadual do Ceará-GEPEFE/UECE.

Jocimar Daolio concentra seus estudos nas temáticas Educação Física escolar, cultura e corpo e lança um olhar sobre a Educação Física a partir de pressupostos das Ciências Humanas e Sociais, principalmente ancorados na Antropologia Social. Trata-se de um olhar que, para a época (década de 1990), apresentou um grande avanço, pois ajudou a compreender a escola e a Educação Física como práticas culturais dotadas de significados e valores, vislumbrando-a assim, como um fenômeno complexo (DAOLIO, 2010).

Este capítulo teve como base a fala de Jocimar Daolio, e, por isso, o palestrante se encontra como autor principal do mesmo. Os coautores foram importantíssimos na composição do capítulo, seja atuando como mediador, apoio e/ou na transcrição da palestra, assim como na organização geral deste escrito.

¹ A palestra pode ser acessada no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=k-GjkwWsTtA> .
Acesso em: 28 mai. 2023.

Ademais, o objetivo do capítulo é apresentar pontos chave na discussão trazida pelo autor, os quais destacam as contribuições da Antropologia Social/Cultural para a Educação Física Escolar. Para tanto, realizou-se a transcrição da palestra proferida e levantaram-se categorias principais que ajudam a compreender a temática. A fala é apresentada no tópico 2 e no seguinte trazemos as considerações finais.

2. Dialogando com o palestrante

Neste tópico apresentamos as ideias do autor proferidas na palestra, organizando-as nas seguintes categorias: *Anos 1980 e a ruptura paradigmática na Educação Física: a importância das Ciências Humanas*; *O conceito de cultura e sua relação com a Educação Física*; *Conceitos antropológicos e suas relações com a Educação Física* e *A Educação Física Escolar como prática cultural*. Em cada categoria buscamos organizar a fala do autor a fim de transmitir, o mais fielmente possível, suas percepções.

Anos 1980 e a ruptura paradigmática na Educação Física: a importância das Ciências Humanas

As reflexões iniciam apontando a década de 1980 como um período de grandes mudanças para a Educação Física, principalmente pelo fato da aproximação desta com as Ciências Humanas. Com a redemocratização brasileira pós-ditadura, e uma ampliação dos estudos no âmbito das Ciências Humanas, muitos profissionais buscaram suas pós-graduações em áreas como História, Sociologia, Educação, Antropologia, Filosofia, de maneira que novas formas de pensar o corpo e as práticas corporais foram sendo estabelecidas. No caso do autor, essas relações foram buscadas, especificamente, na Antropologia Social/Cultural, permitindo vislumbrar o ser humano e as práticas corporais em um contexto mais amplo.

A riqueza desta década está, principalmente, no fato da Educação Física ter ampliado as suas lentes de visão, agora enxergando o corpo não apenas com os óculos biológicos, mas também com os sociológicos e culturais. A partir de 1980 houve um processo de crítica sobre a preponderância da área biológica dentro da

área da Educação Física, trazendo abertura para as possibilidades pedagógicas. O predomínio biológico das pesquisas no campo da Educação Física passa a ser questionado, trazendo à tona a questão sociocultural, de um corpo vivo como expressão de cultura. Temos o esporte, por exemplo, não apenas uma prática corporal, mas também um fenômeno político. A Educação Física neste período dava os seus passos para uma convivência necessária entre as áreas biológica e das Ciências Humanas.

A transição epistemológica da Educação Física, entre os anos de 1980 e 1990, com a introdução do termo cultura nas pesquisas científicas e na prática docente, se torna fundamental para uma demarcação de fases. Passamos de uma Educação Física que explicava e justificava suas ações somente pelo viés biológico, para uma Educação Física que, sem negar o olhar biológico, percebe o corpo inserido em um contexto histórico, sociocultural, político, econômico e de classe.

Os pesquisadores e professores começaram a pensar em um corpo cultural, numa prática corporal influenciada pela própria cultura, sendo esse processo reflexivo muito inovador para a época, pois ampliava sobremaneira a perspectiva de atuação dos profissionais da área de Educação Física. Esse período traz para a área uma centralidade do ser humano, inserido em um contexto mais amplo, sem ser analisado como um conjunto de ossos, músculos ou articulações.

Essa centralidade do ser humano traz uma relevância para o corpo que, em um processo de intervenção pedagógica, passaria a ser compreendido não em sua forma reduzida, funcionando de forma passiva, mas sim como um corpo ativo, em sua totalidade. Dessa forma, nos diversos contextos em que a aprendizagem dos conhecimentos em Educação Física acontece, é preciso tratar o ser humano em sua constante relação com os outros seres humanos nessa perspectiva de um corpo ativo, vivo, enfim, cultural.

Comparando os processos formativos nos anos de 1980 e o que passam os estudantes de graduação na atualidade, constata-se que, se os alunos eram formados a partir de uma perspectiva puramente das Ciências Biológicas e Biomédicas, hoje é comum a consideração da cultura, pensando numa prática corporal que seja influenciada pela sociedade. Esse fato, se é comum hoje, foi bastante inovador naquela época.

O conceito de cultura e sua relação com a Educação Física

Os estudos empreendidos sobre as questões antropológicas, principalmente com base no antropólogo francês Marcel Mauss e no antropólogo americano Clifford Geertz, sempre tiveram a intenção de trazer contribuições para a Educação Física. Nesse caminhar pela Antropologia inicia-se um estudo sobre o conceito de cultura como condição humana. Para a Antropologia, a cultura é um processo, portanto dinâmico, contínuo, pelo qual as pessoas se orientam, dão sentido, e transformam as suas ações.

Assim, a cultura é o principal conceito, a principal categoria para discutir e debater Educação Física. Não se pode falar de Educação Física sem considerar a própria cultura, todavia são necessárias algumas ressalvas e algumas observações quanto ao uso deste conceito.

O termo cultura aparece de diferentes maneiras na área da Educação Física: cultura corporal, cultura de movimento, cultura do movimento, cultura corporal de movimento, cultura física, cultura motora, dentre outros termos. Contudo, é importante uma visão crítica sobre como o termo é apresentado, para que não se incorra em aparições rápidas, superficiais e até equivocadas².

Discussões sobre quem tem mais ou menos cultura, ou uma cultura melhor, ou pior, ou ainda apresentando uma classificação de cultura, se alguém tem mais cultura corporal que outro, claramente apresentam percepções equivocadas de cultura.

Cultura é o processo pelo qual os seres humanos orientam, dão sentido e transformam as suas ações por meio de manipulações simbólicas que são próprias dos seres humanos. Assim, é preciso compreender que os seres humanos são seres de cultura, fazem e pensam cultura durante toda sua existência, mesmo que não se deem conta desse processo. Os seres humanos estão o tempo todo fazendo cultura, agindo culturalmente, porque a condição humana é uma condição cultural³.

² Vale a pena conferir a obra *“Educação Física e o Conceito de Cultura”* (DAOLIO, 2004), em que o autor tece uma análise crítica, com base na Antropologia Social, especificamente com base em Marcel Mauss e Clifford Geertz, sobre como a cultura é trazida em obras clássicas da Educação Física escolar.

³ O profissional de Educação Física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica (DAOLIO, 2004, p.2).

Conceitos antropológicos e suas relações com a Educação Física

De maneira geral, a Educação Física Escolar é circundada por cinco grandes temas: jogo, esporte, ginástica, dança e luta. Eles fazem parte de uma gama de conteúdos corporais que foram historicamente e culturalmente construídos, sendo formatados e modificados com o decorrer do tempo. O esporte, por exemplo, não está inserido na Educação Física simplesmente por conta do viés biológico, ele está inserido como um tema que faz parte da sociedade, da cultura, sendo necessário ser tematizado nas aulas de Educação Física em seus diversos aspectos.

Olhar a Educação Física como uma prática eminentemente cultural implica refletir sobre três conceitos muito caros para a Antropologia: o reconhecimento das diferenças, a diversidade de expressões e a alteridade⁴.

O primeiro conceito diz respeito ao reconhecimento das diferenças entre os estudantes. A ideia de diferença se faz importante porque do ponto de vista biológico o homem é caracterizado pela semelhança e repetição, ou seja, quando se menciona uma reação bioquímica humana, se trata de uma repetição, uma vez que, homens e mulheres reagem do mesmo jeito. Essa é a ideia de uma regularidade biológica, fundamental para a sobrevivência das pessoas, contudo não dá conta da complexidade da expressão humana. Esses mesmos corpos biologicamente semelhantes se expressam de formas absolutamente diferentes do ponto de vista cultural. Se não compreendemos as relações de classe social, as relações de poder, as influências culturais, as crenças religiosas, as inserções políticas, dentre outras questões, não se acessa e não se explica o ser humano.

A Educação Física Escolar ainda apresenta dificuldades no reconhecimento das diferenças humanas. Isso se deve ao fato de, até pouco tempo atrás, ou mesmo atualmente, em determinados contextos, as aulas se pautarem em medidas, mensurações e classificações, como por exemplo, classificar um estudante como apto ou inapto. É primordial reconhecer as diferenças e oportunizar uma atuação escolar que possibilite o desenvolvimento de todos, considerando suas diferenças.

⁴ Tais conceitos são destacados nos livros *Da Cultura do Corpo* (DAOLIO, 1995) e *Educação Física e o Conceito de Cultura* (DAOLIO, 2004), enfatizando a defesa sobre as diferenças culturais, pluralidade e alteridade como importantes de serem garantidos na prática escolar da Educação Física.

O segundo conceito é a consideração da diversidade de expressões, pois, a partir das diferentes expressões, é possível perceber a pluralidade de atuações. A Educação Física, como componente curricular, precisa proporcionar essa diversidade, visto que, trabalhar apenas determinadas expressões corporais, limita e impede que os alunos experienciem a diversidade e pluralidade de formas humanas de se portar⁵.

O terceiro conceito é o da alteridade, muito usado na Antropologia e o que menos avançou na Educação Física. Diz respeito à capacidade de se familiarizar com aquilo que, no início, apresenta-se estranho, exótico. *Alter* significa outro. Então, considerar a alteridade implica se colocar na condição do outro. É uma característica importantíssima na prática de um pesquisador na Antropologia. Quando o antropólogo vai à campo, se ele não tiver uma intenção de alteridade, ele não entende o que o outro faz e vai somente estranhar aquilo que observa. Esse estranhamento talvez o impeça de reconhecer os significados que o outro (o *alter*) possa assumir.

Além de se familiarizar com aquilo que é estranho, estranhar o que é familiar também se faz importante. Como geralmente nos familiarizamos com aquilo que nos é familiar, podemos deixar de perceber coisas. É esse jogo de familiarização com o que é estranho e de estranhamento com o que é familiar, que é necessário para se colocar na condição do outro, tentando compreender aquilo que ele faz. Se nesse entender o outro, eu também me reconheço como o outro do outro, é possível alcançar uma relação intersubjetiva. Nem só subjetiva, nem só objetiva, mas intersubjetiva.

Quando não se exercita a alteridade, ou seja, não se tenta compreender o outro, corre-se o risco de desenvolver atitudes discriminatórias, achando que quem pensa diferente, ou quem torce para um time diferente, ou quem crê em um Deus diferente, está errado. Esse é a grande dificuldade das relações humanas. Colocar-se na condição do outro é um exercício necessário nas relações humanas e também na condução de uma aula. Muitos o fazem, e fazem bem, sem saber que se chama alteridade. Essa ideia se desenvolve na prática de pesquisa de campo da Antropologia e é fundamental na prática profissional do professor.

⁵ Daolio reforça em um de seus escritos, que uma Educação Física plural permite ao corpo discente explorar suas vivências com a bola, com os movimentos esportivos, o espaço e suas mais diversas formas de atuação, não tendo como principal objetivo a aptidão física e o rendimento esportivo de forma mecânica (DAOLIO, 1996).

A Educação Física Escolar como prática cultural

Atualmente, pensar a relação cultural com a prática docente nas aulas de Educação Física pode ser óbvia, entretanto essa relação nasce em um período de redemocratização do Brasil, pós ditadura militar, sendo uma demanda da própria área, que buscava uma Educação Física Escolar que fosse capaz de dar conta de um ser humano mais integral. Era preciso resgatar o humano dentro do ser humano para perspectivar uma Educação Física que desse conta de uma nova sociedade brasileira que nascia nesse período, apontando no horizonte para uma Educação Física Escolar como prática cultural, servindo para “desbiologizar” a visão biomédica da área. Ou seja, a intenção era de uma Educação Física Escolar para além de uma estimulação muscular, esquelética ou fisiológica, constituindo-se em uma atuação no plano da cultura.

O que hoje é óbvio, antes era necessidade. Era uma busca por explicações e caminhos que dessem suporte ao professor para atuar nas aulas para além do viés biológico. Culminou numa atuação no plano da cultura, pois a aula de Educação Física acontece em uma determinada escola, que tem uma certa história, com professores que, além de serem executores de um certo plano de aula, de um currículo, são seres de cultura e fazem a mediação pedagógica subsidiados por uma subjetividade, pelos seus desejos, gostos, preferências e pela formação profissional que os fez estarem ali.

Se o viés fosse apenas biológico, nós poderíamos deduzir, por exemplo, que o professor, ao ministrar uma aula para estudantes de dois quintos anos, na mesma faixa etária, poderia esperar, a partir dos estímulos que fossem dados na aula, uma resposta corporal biologicamente igual de todos. Todavia é uma dedução errada porque como seres de cultura que são, eles fazem mediações, eles têm certas escolhas, preferências, tiveram aulas com outros professores, vivem em um determinado bairro, têm histórias de vida particulares, enfim, são também seres de cultura.

Compreender que os seres humanos são seres de cultura e que, por meio de seus corpos, expressam sua própria dinâmica cultural, implica ampliar a percepção da ideia de cultura corporal e, conseqüentemente, da noção de aula. Com isso, não é mais possível compreender a dinâmica da aula como uma simples

operacionalização de conteúdos. Ela é muito mais que isso. Ela se atualiza no momento em que ocorre, pois há uma circulação de sentidos, seja o sentido que o professor dá para aquele tema, o sentido que cada um dos estudantes dá para aquele assunto, e também o sentido que a escola dá para aquela temática. E indo mais a fundo, o sentido que a comunidade dá. Então a aula é extremamente dinâmica, justamente por ocorrer esta circulação de sentidos.

Os sentidos de um ou do outro podem acabar gerando conflitos, pois a forma como cada um vê o seu corpo e o que pode fazer com o seu corpo, dependendo da sua crença religiosa, das histórias que teve, da mídia que acessa etc. podem gerar tensões. Há a influência midiática, daquilo que os pais permitem, do que a escola permite. É uma circulação de sentidos que apresenta disputas e tensões, portanto os professores precisam mediar essas tensões em sua práxis pedagógica.

Sobre as tensões que permeiam a mediação do professor na efetivação de sua práxis pedagógica, uma importante questão se coloca: como promover a reflexão e a ampliação de conteúdos envolvendo outras culturas, sem ignorar a cultura dos alunos?

De fato, não é algo de simples resposta que remete a conceitos da Antropologia evolucionista do século XIX para contextualizar essa complexidade. Esse período da Antropologia estabeleceu uma gradação entre homem civilizado, bárbaro e selvagem. O conceito era firmado com base na negativa. Se aquele povo não tinha os mesmos costumes e crenças que aqueles considerados civilizados, logo eram classificados como um dos dois grupos restantes, ou seja, tomava-se um enfoque etnocentrista.

Infelizmente ainda encontramos uma formação nessa perspectiva etnocêntrica, o que acaba por reverberar no contexto escolar. Essas questões referentes ao “mais civilizado” estão enraizadas na sociedade e gerando diversos conflitos, os quais devem permanecer por muitos anos, pelo fato de ainda ser tão difícil para a humanidade aceitar o diferente, implicando que alguns grupos sofram mais que outros⁶.

⁶ É preciso compreender a dominância de alguns grupos em relação a outros, e reconhecer a resistência que vem sendo empreendida atualmente para uma descolonização dos currículos. Para o aprofundamento dessa discussão, vale a pena debruçar-se sobre os trabalhos do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, principalmente na obra organizada por ele junto à Maria

Dessa forma, cabe ao professor fazer essa constante mediação entre estimular os alunos a se reconhecerem como são, mostrar outros exemplos, hábitos e culturas, e refletir junto a eles sobre a possibilidade de viver socialmente com essas diferenças. Para além disso, precisamos formar alunos mais críticos, mais ativos, mais informados e mais engajados na luta pela superação desse quadro.

Resgatando um conceito do antropólogo Marcel Mauss, é possível afirmar a aula de Educação Física como um fato social total⁷. O conceito de fato social total, da década de vinte do século XX, destaca que há um entrelaçamento das relações, o que faz da aula um momento complexo. Dessa maneira, ela precisa problematizar as temáticas, a partir dos diferentes sentidos e significados para cada grupo social.

Essa característica de fato social total e a necessidade de problematizar considerando os sentidos e significados dos grupos envolvidos, reforça a ideia da complexidade do “dar aula”. Não é algo simples, pois nos colocamos todo o tempo em uma mediação de conhecimentos vivos, dinâmicos, que são transformados o tempo todo pelos próprios alunos.

No que tange à Base Nacional Comum Curricular-BNCC, documento atual que norteia os aprendizados mínimos para os alunos da Educação Básica, acredita-se que ela apresenta pontos interessantes, uma vez que as pessoas envolvidas na sua elaboração, estudam a Educação Física numa perspectiva mais cultural. Contudo, é importante alertar que se trata de um documento orientador e, sendo de âmbito nacional, de fato precisa ser orientador e geral. Deve apresentar caminhos, os quais serão delineados com maior especificidade em cada região deste imenso país, considerando sua pluralidade.

Desta forma, a aula torna-se um momento complexo, cheio de diversidade, rico de sentidos e discussões, onde o professor precisa realizar mediações na perspectiva de ampliação do olhar para a diferença, pluralidade e alteridade.

3. Considerações finais

Paula Menezes, intitulada *Epistemologias do Sul* do ano de 2009 e que pode ser encontrado no link: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf.

⁷ Em síntese, o conceito propõe considerar o ser humano em sua totalidade, englobando aspectos fisiológicos, psicológicos e sociológicos, uma vez que essas três dimensões estariam interligadas (DAOLIO, 2004).

Pensar a Educação Física pelo viés cultural, apesar de reconhecido atualmente, se faz importante dar os devidos créditos àqueles que contribuíram para tal avanço. Ainda que muitos tenham ampliado a discussão da Educação Física para além do viés biológico, é com os estudos e a dedicação de Jocimar Daolio que temos um aprofundamento, em uma época extremamente necessária. O autor contribuiu com questões teóricas e epistemológicas, mas também elucidou e ampliou o papel da Educação Física no contexto escolar.

Daolio deixa claro que não foi sua intenção criar uma abordagem, mesmo que alguns reconheçam como tal. Seus esforços e contribuições foram para pensar uma Educação Física diferente, a partir das lentes da Antropologia. Ele justifica que a ideia de criação de uma abordagem implica defender uma única linha, defini-la, ampliá-la, caracterizá-la, desenvolvê-la, o que ele julga, de certa forma, restritivo para o livre pensar.

O autor afirma ser possível e necessário dialogar com determinados temas dentro das aulas de Educação Física (ética, diversidade, justiça social, meio ambiente, inclusão, padrões de beleza, entre outros), tendo como finalidade formar estudantes mais reflexivos, críticos, ativos, informados e engajados. O olhar cultural na Educação Física, por seu turno, possibilita que os discentes vivam um processo de aprendizagem de corpo inteiro para experimentarem e viverem uma experiência mais complexa e de significados diversos.

Assumir a Educação Física Escolar como prática cultural implica considerar o corpo em sua inteireza, em sua sabedoria. Não é mais o corpo eficiente que se trabalha e se exercita para apenas executar algo, mas o corpo dotado de saberes e que precisa ser tomado em seus aspectos inteligíveis, sensíveis, racionais, emocionais, fisiológicos, sociais, políticos e culturais.

O docente, ao compreender a Educação Física como prática cultural, poderá conduzir mediações que ampliem o olhar dos alunos para os sentidos existentes nas práticas corporais/sociais. Com essa visão de que ele, a escola e os alunos são dotados de cultura, não buscará por certezas, por uma verdade absoluta, por uma normalização, por um disciplinamento ou pelo desejo de pertencimento a alguma coisa. Mas para uma abertura de possibilidades, para uma ampliação do olhar de uma Educação Física como prática cultural, de corpos que vivem uma vida de

constante transformação e mudanças, que resistem e mostram que não necessitam sempre estar prontos e preparados para realizar algo.

Ações como a ampliação das temáticas a serem desenvolvidas nas aulas, partir do conhecimento dos alunos, ir além da dimensão prática da disciplina, a busca pela participação de todos, já são consequências desse interpretar a Educação Física como prática cultural. Como disse Daolio, ainda precisamos avançar muito, principalmente no que tange à alteridade, mas é visível que estamos no caminho.

REFERÊNCIAS

DAOLIO, Jocimar. **Contribuições da antropologia cultural para o ensino da Educação Física**. YouTube, 9 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-GjkwWsTtA>. Acesso em: 18 jun. 2021.

DAOLIO, Jocimar. (Coord.); Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura-GEPEFIC. **Educação Física escolar: olhares a partir da cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Educação Física e Esportes).

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

DAOLIO, Jocimar. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 40-42, 1996.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

Jocimar Daolio. Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Mestre em Educação Física pela Universidade de São Paulo-USP. Graduado em Educação Física e Psicologia pela USP. Professor titular aposentado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Aline Lima Torres. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará-PPGE/UECE. Mestre em Educação pelo PPGE/UECE. Professora de Educação Física da Rede Pública Municipal de Ensino de Fortaleza-Ceará. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar-GEPEFE.

Anna Paula Vieira Barboza. Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Professora de Educação Física no Clube Recreativo dos Subtenentes e Sargentos do Exército-CRESSE.

Jéssica Bruna Faustino Moura. Mestre em Ensino da Saúde pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Professora de Educação Física da Rede privada e municipal de Sobral-Ceará. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar-GEPEFE.

Fabício Leomar Lima Bezerra. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro-UFTM. Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Professor de Educação Física da Rede Pública Municipal de Ensino de Fortaleza-Ceará.